

kátia borges
de volta
à caixa
de abelhas

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: BRUNO MARCELLO
PROJETO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Talita Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B732v BORGES, Kátia.

De volta à caixa de abelhas (2ª edição) / Kátia Borges – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2020.

94 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-631-4

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

o sorriso do gato de alice

PARA JOÃO SALDANHA

Sinto saudades de São Paulo.
Eu, que pouco estive em São Paulo.
Quando queimo no calor do Porto,
quase sinto o gosto
do café com licor na Paulista.

O avião pousando
bem no centro da cidade.
Um frio de doer os ossos,
e meus amigos, alguns dos melhores,
e meus parentes, alguns dos melhores,
morando perto, morando longe.
Meu medo de voar...

Sinto saudades de São Paulo.
Da visão da grande metrópole,
do alto do Othon Palace.
O viaduto do chá.
Pessoas passando, pensando,
o mundo pesando nas costas.

Eu que vivo na Orla.
O sal queimando os neurônios.

A pele ardida de sol.
Sinto saudades de São Paulo.
Eu, que moro em Salvador.

O cordão umbilical enrolado
do Lacerda ao Humaitá.
Os cabelos enroscados nas mesas
do Quintal do Raso da Catarina.

Anéis de noivar nos cinco dedos,
correntes prendendo os pés.
E o mundo chamando, gritando
de dentro da Newsweek.

Sinto medo do desembarque,
ou de que tudo se acabe
de encontro a um edifício
e fique no arranha-céu,
esmagado, meu sonho...
Meu sonho...

Menina que sou, de beco
do riso do Gato de Alice.

E São Paulo é o depois do espelho.
São Paulo é o depois do medo
de ser o que eu sempre quis.

exílio

Aqui quase não chove.
Quando chove, lembro de meu país.
As terras são brancas,
o Sol se põe depois da meia-noite.

Aqui o vento faz a curva,
sobre mim e, quando o frio bate,
desejo florestas imensas
ardendo acesas dentro da noite.

Aqui o termômetro ficou louco,
como a anatomia para Maiakovski.
Meus dedos doem, enquanto escrevo,
e as palavras saltam da boca congeladas.

Aqui as moedas são tão frias
que jogo I Ching com varetas
e o milefólio quase enverga.

Cada hexagrama, cada sentença
parece ter um peso histórico.

auto da cidade baixa

Dona Dulce me fez herdeira dos poucos móveis
que havia no pequeno quarto em que morava
lá pros lados de não-sei-onde.

Dona Dulce já morreu e nunca tive notícias
dos bens que em vida destinou pra mim.

Mas jamais esquecerei do amante
com quem costumava encontrar-se
nos fins da tarde.

A filha loura e encantadora da patroa,
eu ia como apêndice.

Ah como eu seria feliz e rica e próspera
com aquela pequena cama de solteiro,
um rádio de pilha e um amontoado
de discos de Roberto Carlos.

cantiga

Minha avó era cega.
Dela herdei a capacidade de ver sem usar os olhos.
E a paixão
por uns sambas antigos.

Minha avó era alta.
Os cabelos muito lisos e compridos
envolviam a cintura.
Eram penteados com cuidado, todas as tardes,
e presos em um coque.
Os vestidos, de tecido barato,
quase cobriam os pés.

Minha avó contava histórias de assombrar,
ensinava a amar certas canções
e fazia predições todo final de ano.
Eu fugia com medo do futuro
e me escondia no quarto.
O presente me bastava com seus fantasmas
e as notícias do mundo no Fantástico.

Minha avó gostava de beber aperitivos,
de mascar fumo e de me ouvir cantar

uma música de um português chamado Hermes Aquino.
Poucos se lembram dele.
Poucos se lembram dela.
Poucos se lembrarão de mim.

Minha avó era cega.
Dela herdei a capacidade de ver sem usar os olhos.

os olhos de donana

De Donana, só lembro os olhos muito azuis.
Os olhos engoliram o resto das lembranças,
que já não eram muitas.

Eu era pequenina e fui
levada pela mão, achando uma maçada
estar naquele fim de mundo
para ver Donana morrer.

Eu não sabia quem era aquela mulher,
e ela ainda não morava em meu coração.

Os olhos de Donana sugaram minha alma
para dentro de um passado que trago
nas entranhas.

Seu Francisco Benvenuto já havia ido
conhecer as planícies de outro mundo.

E me despedi sem dor e sem palavras.

Este livro foi composto em Cambria pela
Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2020.
